

## COLLEGAMENTO CH

Rocca di Papa, 11 de fevereiro de 2017

**Ver, assumir como próprio, agir**

(índice)

1. [Abertura e saudações](#)
2. [Encontrar-se consigo mesmo e doar-se: jovens na Mariápolis Ginetta \(Brasil\)](#)
3. [O Papa Francisco e a Economia de Comunhão](#)
4. [Eunice: uma criminóloga que vive pela justiça \(Quênia\)](#)
5. [A arte que gera... transformação social \(Costa Rica\)](#)
6. [A família de Mohamed: amor e coragem \(Itália\)](#)
7. [Tio Rolf: olhar para o outro \(Alemanha\)](#)
8. [Chiara Lubich: Ir além do sofrimento](#)
9. [Conclusão](#)

### 1. **ABERTURA E SAUDAÇÕES**

(aplausos)

Rafael: Olá a todos e bem-vindos a este encontro mundial: o Collegamento.

Mariana: Estamos muitos felizes em construir junto com vocês este momento! Sou Mariana, professora de ioga.

Rafael: Eu sou Rafael e trabalho na administração de uma associação sem fins lucrativos.

Mariana é argentina.

Mariana: E Rafael é mexicano. Estamos casados há 8 anos e temos dois filhos, que estão aqui, Josué (aplausos) e Luz Maria. Moramos aqui na região dos Castelos Romanos.

Rafael: Uma saudação especial ao México e a todo o continente americano. Hello America! (aplausos)

Mariana: Los queremos mucho!

Como sempre vocês podem enviar saudações, mensagens ou impressões com WhatsApp para o número 00 39 3428730175; para o email collegamentoch@focolare.org ou para a nossa página Facebook.com/CollegamentoCH.

Rafael: Está presente aqui um grupo de assessores, junto com o prefeito, do nosso município de Rocca di Papa. Bem-vindos! (aplausos)

E também alguns representantes que participaram do encontro dedicado às Mariápolis permanentes do Movimento dos Focolares, presentes em 25 países do mundo.

Mariápolis significa “cidade de Maria”. As primeiras Mariápolis surgiram nas montanhas de Trento, na década de cinquenta, durante o período de verão. Ao redor do primeiro grupo de Chiara e das suas primeiras companheiras e companheiros, se uniram famílias, jovens, religiosos, pessoas diversas... Entre todos havia, por assim dizer, uma única lei: “viver o amor recíproco”. Esta lei fazia com que todos se tornassem iguais, operários, crianças, pessoas idosas... não havia diferenças. A certa altura este período de férias terminava.

No decorrer dos anos surgiram as “Mariápolis permanentes”, em momentos e maneiras diversas, em muitos lugares do mundo. Aqui nesta sala, estão algumas pessoas que moram em algumas destas Mariápolis, como por exemplo, Mauro.

Mauro mora em uma Mariápolis em Acatzingo, perto da cidade de Puebla, no México.

Mauro, que bonito o México!

Mauro: Realmente!

Rafael: Bem-vindo, Mauro!

Mauro: Obrigado!

Rafael: Quais as características desta Mariápolis?

Mauro: Acatzingo é uma cidade com cerca de 40.000 habitantes. Na Mariápolis somos cerca de 40 pessoas e temos um ótimo relacionamento com quem vive ali nas proximidades, nas várias cidadezinhas, que muitas vezes vêm nos encontrar, jogar e fazer muitas outras coisas conosco. No início havia muita pobreza, e percebemos que era necessário começar uma escola para ajudar as crianças das famílias e recebemos ajuda de muitos lugares. Hoje esta escola tem mais ou menos 400 alunos, crianças e jovens da escola média.

Temos também um bom relacionamento com as autoridades civis, e o bispo vem nos visitar pelo menos uma vez por ano.

Rafael: Obrigado, Mauro, maravilhoso.

Mauro: Obrigado a você. (aplausos)

Mariana: Agora vamos para a Ásia. Nar, você mora na Mariápolis filipina, em Tagaytay, perto de Manila, que muitas vezes acolhe pessoas de toda a Ásia, também de diversas religiões. É isso mesmo?

Nar: É exatamente assim, porque uma das realidades da Mariápolis é o diálogo entre pessoas de diversas religiões, portanto muitos provêm de outras religiões, como por exemplo um grupo da Rishso Kosei-kai do Japão e também jovens budistas do Vietnã, de Myanmar, da Tailândia, porque desejam fazer uma experiência de diálogo da vida. Deste modo testemunhamos, e também Chiara imaginou assim este lugar.

Mariana: Belo! Obrigada, Nar.

Olá, Renata, você morou vários anos em Ottmaring, na Alemanha, na Mariápolis que fica perto de Augsburg, onde sabemos que convivem pessoas de diversas Igrejas cristãs. Como é esta convivência?

Renata: De fato, em Ottmaring convivem duas comunidades cristãs: o Movimento dos Focolares e uma Fraternidade evangélica, e esta é a característica desta Mariápolis permanente. Quando estas pessoas se encontraram, há cerca de 50 anos, aconteceu um amor à primeira vista porque estes dois Movimentos tinham como Palavra de Vita a frase: "Que todos sejam um". Todos os dois desejam contribuir para a unidade da cristandade.

Agora estamos há 500 anos da Reforma e esta cidadezinha ecumênica, que nasceu com a benção das duas Igrejas, deseja dar uma contribuição de vida e também de experiência de todos estes 50 anos. Este foi um terreno fértil para o encontro de bispos de várias Igrejas, alguns documentos foram preparados nesta Mariápolis, que depois incidiram em toda a cristandade.

Neste lugar nos queremos realmente bem, vivemos uma experiência entre pessoas diferentes e é um lugar de diálogo onde outros Movimentos encontram o próprio espaço. Ali nasceu também Juntos pela Europa, uma rede de cerca 250 Movimentos e comunidades diversas, onde todos se empenham em dar uma alma à Europa.

Mariana: Obrigada, Renata. (aplausos)

## **2. ENCONTRAR-SE CONSIGO MESMO E DOAR-SE: JOVENS NA MARIÁPOLIS GINETTA (BRASIL)**

Mariana: A 40 km de São Paulo, Brasil, existe a Mariápolis permanente Ginetta. Ali, um grupo de *Jovens por um Mundo Unido*, passa seis meses em uma “escola” de vida. Vamos ver a reportagem.

*(em português)*

**Marcos Bomfim – repórter**: Estamos há 40 Km da cidade de São Paulo, na Mariápolis Ginetta. Um centro de formação e acolhida dos membros do Movimento dos Foculares. Há mais ou menos 1 ano, surgiu aqui uma nova experiência, a Escola de Jovens por um Mundo Unido. Os jovens ficam imersos nessa experiência por seis meses, e eles têm a oportunidade de projetar o seu futuro e descobrir os próprios talentos.

Música

**Raphael Strauss (Alemanha)**: Eu queria fazer algo de concreto em uma questão social ou viajar pelo mundo. Não tinha uma ideia bem fixa.

**Antonio Neto (Brasil)**: O meu maior desafio era achar que eu era inferior às pessoas. Porque as pessoas não tinham passado pela realidade que eu tinha passado. Eu me lembro muito bem de uma aula em que cada um se apresentava e dizia aquilo que tinha para dar... naquele momento eu não tinha nada para oferecer, a não ser uma vida de muita dor e de muito sofrimento.

**Darlene Bomfim (Life Coach)**: Primeiro precisam assumir a própria história. Seja ela do jeito que for. Há quem vem de uma família mais estruturada, outros menos estruturada. É uma história, ainda jovem, mas com seus traumas, os seus problemas. Depois tem o trabalho. Esses jovens trabalham, e no trabalho eles têm a possibilidade de se relacionar e de colocar em prática aquilo que aprendem.

Música

**Bruna de Oliveira (Brasil)**: E aí, sabendo da minha formação um dos meninos que trabalhava no projeto me fez um convite para fazer um vídeo, um resgate histórico do projeto Jardim Margarida. Mas o diferencial era que não era pra mim ou para ele fazer, mas devia ser algo preparado pelas crianças. A gente tinha que motivar as crianças a fazerem esse trabalho. O mais interessante era que a gente tinha que cativar. Eu tinha que dizer a elas do meu trabalho e convencê-las a fazer esse projeto. Foi muito interessante.

**Noticiário TV**: Em Vargem Grande Paulista, há cerca de 50 km da capital, a chuva e os ventos fortes provocaram muitos estragos na cidade.

**Guilherme Cazeri (Brasil)**: Era um dia normal, estava chovendo e aí nos disseram: “O bairro jardim Margarida (que era o bairro aonde a gente trabalhava), ficou inundado”. Foi uma coisa que mexeu muito comigo. E nesse dia pra mim foi assim, a gente aprendeu todo o contexto da escola e agora a gente precisava pôr em prática.

Música

**Darlene Bomfim**: Nós desenvolvemos também uma ferramenta de coaching, que propicia a esses jovens a possibilidade de um encontro consigo mesmo, e também fazer um projeto de vida, no qual eles estabelecem uma missão e depois um programa de como eles vão realizar isso.

E uma das coisas mais interessantes é que, quando a gente faz a avaliação final, eles conseguem vislumbrar um futuro.

**Antonio Neto:** Eu não tinha metas ao chegar aqui, mas hoje eu tenho metas. Também este sentimento de inferioridade me fez querer ser maior.

**Raphael Strauss (Fora de Campo):** Vou fazer um voluntariado no morro, em Florianópolis. Vou morar mesmo no morro o que vai ser uma experiência muito forte pra mim. Eu não conheço ninguém, pensando também na Europa, que teve uma experiência tão forte, em uma realidade tão forte quanto eu pude ter. Por que eu quero fazer voluntariado? Porque eu quero doar às pessoas o que eu aprendi na Escola nestes seis meses.

**Rafael:** Muito obrigado, amigos! (aplausos)

### **3. O PAPA FRANCISCO E A ECONOMIA DE COMUNHÃO**

**Rafael:** Dinheiro, pobreza, futuro. Três temas evidenciados pelo Papa Francisco no encontro com 1200 empresários e jovens estudantes da Economia de Comunhão, no dia 4 de fevereiro, no Vaticano. Vamos ver a reportagem.

Música

**Locutor:** A palavra alegria é a mais autêntica para expressar o encontro do Papa Francisco com cerca de 1200 empresários, jovens e estudiosos da Economia de Comunhão, provenientes de 54 países; após 25 anos do nascimento da ideia inspiradora de Chiara, que, nos últimos anos se concretizou num florescimento de empresas pequenas e grandes ou grandes redes animadas pelo espírito de uma economia de comunhão para erradicar a miséria e as injustiças sociais.

Antes da chegada o Papa, um dos primeiros a falar foi o professor Stefano Zamagni da Universidade de Bolonha, que apresentou e encorajou esta primeira inspiração de Chiara, seguido depois de testemunhos das primeiras realizações destas novas realidades de comunhão no Brasil, onde nasceu a Economia de Comunhão, na Coreia, na Itália e também na Argentina entre as mais pobres comunidades indígenas.

Aplauso

**Luigino Bruni:** Caríssimo Papa, a minha e nossa primeira palavra é “obrigado”.

**Locutor:** Luigino Bruni, focolarino e economista, acolhendo o papa, sintetizou na sua saudação o agradecimento unânime pela sua profunda atenção aos temas sobre a economia, através das encíclicas, apresentando também a comunhão vivida pelos presentes como um estilo pessoal e empresarial de vida, em resposta ao chamado de combater a pobreza e a injustiça. A ele uniram-se as vozes de Florencia, Cornelius, Teresa, Maria Helena que transmitiram ao Papa o abraço dos seus países e dos pobres do mundo inteiro. No seu discurso, sóbrio e potente,

totalmente em consonância com o público, o Papa ressaltou imediatamente a necessária união entre as palavras economia e comunhão.

**Papa Francisco:** Duas palavras que a cultura atual mantém bem separadas e muitas vezes considera até opostas. [...] Mediante a vida, vocês demonstram que economia e comunhão se tornam melhores quando uma está ao lado da outra. Melhor a economia, sem dúvida, mas melhor também a comunhão, porque a comunhão espiritual dos corações é ainda mais completa quando se torna comunhão de bens, de talentos e de lucros.

Aplausos

**Locutor:** O Papa evidenciou a importância da comunhão dos lucros para não fazer do dinheiro um ídolo e a necessidade de construir um sistema econômico que não se limite a cuidar das vítimas das injustiças mas gere uma sociedade sem pessoas descartadas ou marginalizadas. E concluiu com um olhar ao futuro, convidando cada um a não se preocupar em aumentar os números mas em ser sal e fermento de uma economia de comunhão.

**Papa Francisco:** O «não» a uma economia que mata se transforme num «sim» a uma economia que faz viver, porque compartilha, inclui os pobres e utiliza o lucro para criar comunhão. [...] Desejo que continuem sendo sementes, sal e fermento de outra economia: a economia do Reino, na qual os ricos sabem compartilhar as suas riquezas e os pobres são chamados bem-aventurados. Obrigado!

Aplausos

**Rafael:** O Papa disse: “O ‘não’ a uma economia que mata se transforme num ‘sim’ a uma economia que faz viver”, palavras que encontraram uma grande ressonância também nos meios de comunicação. Vamos ouvir algumas das reações dos empresários presentes ali.

**Armando Tortelli - Holding Protelli - Curitiba, Brasil (em português):** O Papa foi esplêndido quando disse que devemos colocar em comum não só o dinheiro, o lucro, mas colocar em comum nós mesmos para os outros. Este é o amor dom! E me parece que fizemos um belo caminho até agora.

**Ernesto Figueredo – Gestar – Camaguey, Cuba (em espanhol):** É uma oportunidade maravilhosa e uma necessidade, sobretudo para Cuba, onde há um debate entre a economia estatal socialista e a economia capitalista. Creio também que pode dar um impulso não só para a economia mas para construir a pessoa, em Cuba.

**Teresa Ganzon, Bangko Kabayan - Batangas, Filipinas (em inglês):** Vivemos uma época difícil sobretudo para alguém do nosso ramo de atividade, o setor bancário. A situação atual faz com que seja muito difícil ser expressão de comunhão no mundo das finanças. Foi muito significativo compartilhar esta realidade com o Papa e sentir de alguma forma que ele considera este projeto importante.

**Steve William Azeumo - responsável AECAC - Yaoundé República dos Camarões (em francês):** Ele nos fez entender a diferença entre a filantropia, vivida no capitalismo, e a

comunhão. Disse que somos sal e fermento e que devemos seguir em frente com coragem, humildade e alegria.

**Bettina Gonzales - Boomerang Viajes - Buenos Aires, Argentina (em espanhol):** Muitas vezes nos confundimos e pensamos que o sistema nos foi imposto, ao invés, somos nós que o criamos. Temos a grande responsabilidade de transformar o sistema, e este compromisso com os pobres, continuando a incluí-los nas nossas empresas, a trabalhar para erradicar a pobreza e principalmente gerar emprego, que é o nosso grande desafio.

**Corneille Kibimbwa – dirigente centro Hospitalar Kinshasa, rep. Dem. Do Congo (em francês):** A África está unida no seu sofrimento, e queremos trabalhar para diminuir, eliminar o sofrimento com a nossa Economia de Comunhão.

**Mabel Ortiz – Cafe shop – Tegucigalpa, Honduras (em espanhol):** Devemos doar esta realidade da Economia de Comunhão. A minha empresa já o faz há alguns anos, mas queremos mostrar a todos os empresários de Honduras que este é o único caminho para erradicar a pobreza nos nossos países do terceiro mundo.

**Mario Maia Matos – responsável EoC – International Incubating Network – Lisboa, Portugal (em português):** Foi principalmente uma profecia: entender que nas palavras do Papa Francisco a Economia de Comunhão é a profecia para o nosso tempo, que nos faz acreditar numa sociedade melhor, na qual o dinheiro e os pobres “colocados juntos” podem ser realmente o futuro.

**John and Julie Mundell –Mundell & Associates - Indianapolis, USA (em inglês):**  
Creio que é um grande incentivo para nós, para todos os empresários. É um novo impulso principalmente nas atividades diárias, onde às vezes é difícil, o trabalho é caótico. Lembrar as palavras ditas hoje pelo Papa é algo que consideramos um tesouro.

**Julie:** Ele nos lembrou que o trabalho é dinheiro, mas que o trabalho é principalmente amor.

**Rafael:** Anouk Grevin, francesa e economista, também estava presente neste importante encontro com o Papa no Vaticano. Anouk, como você explicaria rapidamente a Economia de Comunhão? O que um empresário que deseja saber mais sobre este assunto deveria saber em particular?

**Anouk Grevin:** Creio que a definição mais bonita foi dada pelo próprio Papa, e somos muito agradecidos por isso. A Economia de Comunhão, muito mais do que ser uma prática de empresa é uma visão da economia, uma visão que focaliza sobretudo os pobres, o dom, a gratuidade, a reciprocidade e não o lucro e o dinheiro. Um empresário que deseja se empenhar no projeto da Economia de Comunhão, pode encontrar muitas maneiras para atuá-lo; cada um encontra o seu próprio modo. Talvez, o modo mais simbólico, mais original seja aquele que Chiara nos deu no início: a partilha dos lucros, porque isso não significa dar apenas uma ajuda a quem precisa, mas também afirmar que a finalidade da empresa não é o lucro, a finalidade é servir a todos, especialmente quem se encontra em necessidade.

Rafael: A última pergunta: quais são agora as prioridades da Economia de Comunhão?

**Anouk**: Posso dizer duas. A primeira são os jovens, principalmente apoiar aqueles jovens que têm o projeto de criar uma empresa de Economia de Comunhão, para multiplicá-las. Jovens ou novos empresários. Apoiar os jovens porque eles nos ajudam a encontrar, com muita criatividade, as maneiras para que esta cultura da partilha possa ser conhecida por toda parte e que não diz respeito só aos empresários. Cheguei há pouco da África e vi que os jovens criaram em algumas universidades da República dos Camarões, clubes da Economia de Comunhão para difundir-la ao redor deles.

A segunda prioridade é a de dar uma visão mais justa da pobreza. A Economia de Comunhão não é filantropia para ajudar as pessoas necessitadas, é a certeza de que todos nós temos infinitas riquezas, que precisam ser descobertas. Todos nós somos pobres e não queremos reduzir a pessoa à sua vulnerabilidade econômica. Todos têm algo a dar e a EdC quer realmente dar a cada um não só a possibilidade de receber aquilo que lhe falta mas também dar toda a riqueza que tem e que falta a outros.

Rafael: Maravilhoso, obrigado Anouk! Acompanharemos com vocês estes desenvolvimentos. (aplausos)

#### **4. EUNICE: UMA CRIMINÓLOGA QUE VIVE PELA JUSTIÇA (QUÊNIA)**

Mariana: Vamos voltar página. Vamos à Nairóbi, no Quênia, escutar o testemunho de Eunice, uma criminóloga que se empenha, todos os dias, para buscar e levar a justiça na sua cidade.

*Música*

Eunice Wanta Ikapel: Criminal Investigation Unit, Nairóbi Os meus estudos? Tenho dois diplomas: o primeiro em sociologia. Trabalhando no departamento de investigações Criminais, decidi voltar a estudar e recebi o segundo diploma em Criminologia para entender as pessoas que cometem os crimes e me relacionar melhor com elas.

Todos os dias se apresentam vários e profundos desafios, que exigem força, sabedoria e conhecimento.

Um homem veio ao meu escritório denunciando que um seu amigo lhe roubou 1 milhão e 300 mil xelins. Registre a denúncia e fui prendê-lo.

*Música*

Os colegas defendiam a ideia de prendê-lo por roubo de dinheiro. Eu conversei com ambos. Visto que o culpado concordava em restituir todo o dinheiro, convidei a pessoa que fez a denúncia a acolher a proposta e perdoar o roubo, em vez de mandar o amigo para a prisão. De fato, o culpado tinha família com filhos pequenos. Por fim, ambos aceitaram e resolvemos a questão. O prejudicado recebeu o dinheiro de volta e o ladrão foi perdoado, ambos voltaram serenos para casa.

*música*

Onde encontro a força? Na comunidade dos Focolares com quem me reúno durante os fins de semana. Com eles partilho as minhas experiências, encontro novas ideias. Antes de tudo, toda manhã, peço a Deus a sabedoria, porque Ele sabe o trabalho que faço e que preciso da sua presença. (...)

Tenho a esperança de que em Nairóbi e também no Quênia a população possa viver numa cidade serena e sem crimes, uma cidade onde exista a esperança (...). Uma cidade onde todos sejam felizes e que seja apreciado o trabalho que fazemos.

Mariana: Obrigada, Eunice. Sabemos que você deu à luz, há pouco, a uma menina. Desejamos muitas felicidades para você! (aplausos)

## 5. A ARTE QUE GERA... TRANSFORMAÇÃO SOCIAL (COSTA RICA)

Rafael: Continuemos a nossa viagem pelo mundo. Vamos para Costa Rica. Nas fronteiras com a Nicarágua, Honduras, Haiti e Venezuela se concentra um grande número de refugiados. É ali que Tina e Sandro, com os seus amigos, se tornaram promotores de um projeto de fraternidade através da arte. Vamos conhecê-lo através desta reportagem que nos enviaram.

Tina Murg – Áustria – Designer e Pedagoga em Arte: Olá, eu me chamo Tina Murg.

Sandro Rojas Badilla – Costa Rica – Comunicador Gráfico: Eu sou Sandro Rojas Badilla, sou da Costa Rica.

Tina: Eu sou austríaca e nos casamos há dois anos. Vivemos na capital da Costa Rica, São José.

Sandro: E trabalhamos juntos no campo da arte: desenho e comunicações.

Tina: Um dos objetivos do nosso matrimônio, além de formar uma família, era que tivesse um sentido mais amplo. Queríamos dedicar parte da nossa vida a algo em que acreditamos que é a fraternidade.

Sandro: Desde pequenos crescemos vivendo a cultura da unidade e agradecemos a Chiara Lubich, porque ela nos inspirou a criar o projeto chamado **F Projeto CR**.

Música

Trabalhamos de modo interdisciplinar pela fraternidade, usando a arte como ferramenta de transformação social. Este projeto se concentra na ajuda aos imigrantes que ficaram bloqueados na fronteira norte do país. Nós não só lhes damos ajuda com produtos de primeira necessidade, mas também com a arte: jogos, danças, música, tudo aquilo que pode satisfazer a alma.

E não só na fronteira, mas também em várias regiões do país com o objetivo de sensibilizar a população local.



**Mariana Chaves – Costa Rica – Advogada em Direitos Humanos:** A maior população que chegou na Costa Rica, pedindo asilo, provém do norte: Salvador, Honduras, Venezuela, Colômbia e também de outros países. Tivemos uma pequena porcentagem, em relação a outras populações, de pessoas do Haiti e de algumas nações africanas, que escolheram esta opção de proteção internacional.

**Locutor:** Era uma situação nova para o país, e o governo não estava preparado para enfrentá-la. Apesar disso, foram montadas tendas para dar hospedagem temporariamente. Depois de pouco tempo F Projeto CR, formado por um grupo de amigos, começou a funcionar.

**Nayle Yrigoyen – Venezuela – Bailarina Profissional:** Para começar, eu também vivi a condição de imigrante. Eu também fui uma refugiada e me aproximei da situação deles de modo pessoal. O projeto me inspirou pelo seu ponto de vista artístico, que usa esta linguagem universal, capaz de transformar a sociedade e foi um canal aberto para gerar mudança.

Música

**Locutor:** Desde que começamos o F Projeto em outubro de 2016, todos os meses os visitamos, levando ajuda e arte.

**Viviana Lopez – costa Rica – assistente Social:** Foi como uma janela para conhecer pessoas e experiências maravilhosas que me fizeram mudar. Pude testemunhar como a linguagem universal da arte é uma das melhores estratégias para as pessoas se comunicarem.

**Tina Murg – Austria – Designer e Pedagoga em Arte:** Depois de 4 meses a coisa mais bela foi ver a alegria no rosto das pessoas que visitamos e dos voluntários.

**Esteban Hernandez – Costa Rica - Comunicador:** Pensamos que somos nós que ajudamos, mas sempre que pegamos o ônibus de volta, percebemos que fomos nós que recebemos ajuda.

**Carlos Acosta – Costa Rica - Sociólogo:** Foi uma ocasião para fazer algo concreto, por pessoas concretas, com situações difíceis concretas. Não foram meras palavras e bons desejos. Eu aprendi que as coisas se realizam, fazendo-as, não de outra maneira.

**Locutor:** O trabalho em rede é a chave. A cooperação com outras entidades e associações no campo artístico e social possibilitou a realização do projeto e permitiu que a comunidade do F Projeto crescesse. Com a ajuda de muitas pessoas solidárias e empresas, F Projeto CR conseguiu transportar mais de mil tablados de madeira para o campo dos refugiados, porque depois do furacão Otto, era urgente criar mais leitos para os imigrantes.

**Sandro:** Começamos uma campanha na mídia nacional e nas redes sociais e isso nos ajudou muito a sensibilizar quanto a situação.

**Adrian Hernandez – Costa Rica – Estudante de Sociologia:** É uma experiência que o mundo inteiro deveria viver, que se pode repetir e praticar sempre... É genial!

**Veronica Gomez – Costa Rica – Estudante de História:** Graças ao F Projeto conheci o verdadeiro valor da fraternidade.

**Rodrigo Umana – Costa Rica - Estudante:** Com todos esses tipos de iniciativas, a fraternidade, ajudar as pessoas necessitadas... é maravilhoso!

**Tina:** Não queremos que impere a lei do medo coletivo que hoje se vive no mundo.

**Sandro:** Na verdade, todos somos descendentes de migrantes por gerações. A Fraternidade deve ser a palavra mais normal entre pessoas que vivem no mesmo planeta.

**Mariana:** Obrigada, Tina e Sandro e obrigada também a todos os amigos de Costa Rica!

## **6. A FAMÍLIA DE MOHAMED: AMOR E CORAGEM (ITÁLIA)**

**Mariana:** Falemos um pouco mais sobre os migrantes. Vamos contar agora a história de uma família italiana e de Mohamed, um jovem que atravessou o mar em um dos barcos vindos da África.

*“Existem coisas que não vemos com os olhos, mas que sentimos com o amor e a coragem, porque o amor vence tudo”. É o que nos ensina Mohamed.*

**Franco Di Biase:** Quem quer uma fruta? Um pouco d’água?

**Franco Di Biase:** No dia de Natal de 2015 conheci Mohamed, um menino que chegou com embarcações precárias da África. Eu o conheci no hospital. Tinha um linfoma agressivo e estava completamente sozinho. Assim que foi demitido decidimos com toda a família acolhê-lo em casa e na nossa família, para que conseguisse enfrentar aquele momento difícil da sua vida, juntos.

**Graziella Di Biase:** Nós o acolhemos como um verdadeiro filho. Um filho que escolhemos. Cuidamos dele em tudo, nas suas necessidades materiais: com alimentos e roupas. Quando estava bem, começou também a ir à escola.

Mohamed era um rapaz que tinha uma grande fé. Era muçulmano. Nós o ajudamos para que a sua fé não diminuísse, mas fosse uma ajuda importante nesse período. Nós o levávamos à mesquita. Em casa reservamos um espaço para a suas orações e ele era muito fiel.

**Luca Di Biase:** Inicialmente a situação era difícil, porque os meus espaços se reduziram.

Um dia mamãe viu que eu estava diferente e me falou, chorando, que não queria perder um filho por aquele de outra pessoa. Desde então senti que eu estava recebendo um dom, uma experiência belíssima. O relacionamento com Mohamed mudou completamente e nos tornamos indispensáveis um para o outro.

**Federica Di Biase:** Desde o início, o meu relacionamento com Mohamed foi meio difícil, porque na cultura dele a amizade com meninas é diferente. Eu tentei dar o melhor de mim e ele retribuiu com o cêntuplo e me ensinou os verdadeiros valores da vida.

**Francesco Di Biase:** Os médicos ficaram incrédulos e permitiram que eu fosse visitá-lo também durante a noite, porque quando eu me aproximava dele todos os seus valores se estabilizavam. Uma coisa impressionante! Tchau!

**Luca Di Biase:** Tchau Francisco, um abraço.

*Música*

**Federica Di Biase:** Luca! Pode ir para o quarto?

**Luca Di Biase:** Veja o que Francisco fez!

**Franco Di Biase:** Mohamed estava perdendo a vista num dos olhos, mas nunca desanimou. Na última postagem no Facebook escreveu: “Certas coisas não podem ser vistas com os olhos, mas podemos senti-las e viver com amor e coragem, porque o amor vence tudo”.

**Graziella Di Biase:** Ultimamente conseguimos encontrar a mãe de Mohamed. Foi um momento lindo! Uma das coisas belas que nos disse foi a seguinte: “Agora vocês são a sua verdadeira família. Eu o fiz nascer, mas vocês lhe deram a verdadeira vida”.

### **Música cantada por Federica e Graziella**

Você pode pegar um cometa  
e girar por todo o universo.  
Pode chegar agora à sua meta,  
àquele mundo diferente que você nunca encontrava  
só que não devia acontecer isso,  
agora todos estamos mais sozinhos aqui  
sem você

### **Legenda durante a canção:**

Funeral de Mohamed na Igreja cristã

Funeral de Mohamed na Mesquita

**Mariana:** O que dizer? Obrigada de coração à família Di Biase.

## **7. TIO ROLF: OLHAR PARA O OUTRO (ALEMANHA)**

**Rafael:** O sofrimento faz parte da vida. Pode nos destruir, mas ser também um trampolim para alcançar caminhos às vezes impensados.

Propomos a vocês a história de Rolf que, para muitos novos amigos, se tornou “uncle Rolf”, o tio Rolf.

*Música*

LEGENDA: Suderburg - Alemanha

**Rolf Infanger (em italiano):** Eu e minha esposa, Maria, vivíamos aqui. Era uma vida muito simples, dedicada principalmente aos outros. Depois de alguns anos ela teve um aborto natural, tentamos adotar uma criança, mas eu já era idoso para isto. Propuseram-nos assumir a custódia temporária de algumas crianças. Foi o que fizemos e, durante seis anos, moraram aqui conosco mais de 38 crianças, às vezes durante quatro meses, cinco, e até mesmo onze meses.

Música

**Rolf:** Quando eu saí de casa, de manhã, ela ainda estava bem. E me levantei, ela ainda estava na cama e perguntei-lhe: "Dormiu bem?", Ela disse "Sim, mas estou sentindo um pouco de frio". Eu a cobri com o meu cobertor ainda quente e ela me disse: "Mas você sabe que eu te amo muito?" Eu disse: "Claro que sei." Depois nos beijamos, saí de casa, e quando voltei à tarde, depois do trabalho, ela estava caída de joelhos na cozinha. E perguntei: "Maria, o que você está fazendo?", e ela não me respondeu. Ela tinha tido uma embolia pulmonar, e a ajuda chegou tarde demais.

Música

**Rolf:** Os dias seguintes foram dramáticos, porque senti que todas as minhas seguranças desmoronaram. Eu não entendia por que uma pessoa de 45 anos de idade devia morrer tão jovem, na flor da idade. Entrei numa crise profunda, até mesmo de fé. Não queria aceitar esta cruz, mas me perguntei: "O que Jesus fez depois?". Também ele, na cruz, gritou: "Por quê? Por que me abandonaste? "Ele não entendia mais nada, mas depois se entregou ao Pai, "a Ti entrego o meu espírito". Pensei: "Se você realmente existir, ajude-me, deixe-me ver o que fazer no futuro"- Eu sentia não ter mais futuro – "Guie-me". Hoje, olhando para trás posso dizer que foi exatamente assim.

Música

**Rolf:** Um amigo meu, após o funeral de Maria, me pediu para ir com ele para Myanmar. Eu nem sequer sabia onde ficava Myanmar. Ele estava indo lá para ajudar o Movimento dos Focolares que estava nascendo naquele momento naquela região. Fiz uma breve reflexão e disse a mim mesmo: "Talvez seja a melhor coisa que posso fazer, assim não fico pensando só em mim e nos meus problemas." E assim, depois de três meses viajei com ele.

Música

**Rolf:** As pessoas, muito simples, mas de grande coração, me impressionaram.

O encontro com padre Carols mudou a minha vida. Quando lhe perguntei o que ele fazia. Ele me disse que era o pároco de uma aldeia de 3800 pessoas, mas que também tinha uma casa onde acolhia as crianças que vinham das cidadezinhas distantes e que frequentavam a escola na sua aldeia. Eram 120 crianças.

Depois perguntei: "Mas quanto dinheiro você precisa por dia para 120 crianças?". Ele começou a fazer os cálculos: para a alimentação, vestuário, medicamentos, taxas escolares, para o diesel, para obter a energia elétrica para o gerador elétrico, me disse: "25 euros". Eu disse: "25 euros para 120 crianças? Não é possível. Você está cometendo um erro em algum lugar". "Não,

não, é isso mesmo", respondeu. Isso mudou a visão da minha economia, bem como o modo de gastar o meu dinheiro.

Música

**Rolf:** Quando regressei, disse isso aos meus amigos, parentes e conhecidos, e um após o outro, começaram a me dar algum dinheiro. Um deles me disse: "Aqui você tem o dinheiro para uma semana". Outro disse: "Aqui você tem para dois dias", outro para um mês. Então pensei em recolher tudo e enviar para lá. Então, o meu melhor amigo, um advogado, me disse: "Rolf, se você recolher o dinheiro assim deverá fazer uma associação." E assim fizemos.

Tentamos, com a nossa ajuda, responsabilizar as pessoas, torná-las independentes, de modo que possam ajudar a si mesmas e as outras ao seu redor.

Após a morte de Maria eu senti que o Pai Eterno cuidou da minha vida e me conduziu, me guiou. Eu não via as coisas, eu aprendi com ela a ter esse olhar amplo. Eu continuei a ir pelo mundo com os seus olhos. Neste sentido sinto que ela me acompanha nas viagens que faço, porque sei que tenho um anjo da guarda, alguém que cuida de mim ....

Canção

Legenda Há vários anos a Associação *Maria Schlegel* trabalha nas regiões mais pobres de Myanmar com programas de nutrição e projetos de microcrédito. Neste ano foram ajudadas 600 pessoas, principalmente mulheres e crianças.

Mariana: Obrigada, Rolf, por nos fazer participar da sua vida. E por nos ajudar a ter este olhar amplo ao nosso redor, que faz com que sintamos nosso sofrimento do outro e que nos impulsiona a agir. A sua história nos ajudou a escolher este trecho de Chiara Lubich que veremos agora.

## **8. CHIARA LUBICH: IR ALÉM DO SOFRIMENTO**

Mariana: Chiara responde à pergunta lida por Eli Folonari, no dia 7 de maio de 1995.

Eli: "[...] *Creio que, conhecendo o Movimento, a unidade se realiza na doação de si mesmo aos outros. É penoso perder uma parte de si mesmo para dar espaço a quem está na minha frente. Todavia a doação proporciona a maior alegria que alguém pode experimentar. [...] Noto que muitas vezes você fala da dor de Jesus Abandonado. Eu já me perguntei: é a mesma dor que experimento no momento em que perco o meu eu para acolher o outro, ou é diferente? Se é diferente, eu também posso fazer esta experiência, não possuindo uma fé religiosa?*

Veja, Leonardo, você me obriga a usar a linguagem do nosso Movimento, embora tentaremos encontrar outras mais de acordo, porque nem sempre é simpático. Porque você acabou de mencionar Jesus Abandonado, que é um aspecto da nossa espiritualidade.

Você diz que está procurando vivê-lo fazendo, digamos, o vazio interior para acolher o outro. Esta é a técnica da unidade. É necessário fazer assim para estar um no outro, para se compreenderem e se darem uma resposta. Está mais do que certo.

Este não é o único modo com que atuamos o amor que sentimos por Jesus Abandonado.

Nós amamos Jesus crucificado e abandonado também porque São Paulo disse claramente: "Não conheço que Cristo e Cristo crucificado" (1Cor 2,2). É a síntese de toda a fé cristã.

E nós o aplicamos também em outras ocasiões, por exemplo, quando vemos irmãos que se assemelham a Ele. Jesus no abandono se sentiu abandonado. Portanto, alguém abandonado, quando vemos os marginalizados, os órfãos, Jesus se sentiu órfão, porque perdeu pelo menos a sensação de ter um Pai, se sentiu separado do Pai. Portanto, todos aqueles que sofrem por uma separação de qualquer tipo: na família, talvez entre as culturas, entre os povos, as raças, lá nós chegamos com o nosso amor porque ali está um aspecto de Jesus Abandonado.

Nós o encontramos nos irmãos, também nas nossas dores pessoais, porque às vezes nós nos sentimos traídos, desiludidos, nos sentimos perseguidos, não amados. São aspectos de tudo o que Ele sofreu aqui na terra, Ele que é do céu e que sofreu aqui.

Assim, procuramos abraçar também estas dores. E para não ficarmos paralisados na dor, dizemos a Jesus, a quem nos doamos: "Agora você de certa forma vive em mim; eu estou contente porque me doe a você". Então, procuramos lhe dar esta dor e depois, nos lançamos a amar os outros, a fazer aquela que chamamos "a vontade de Deus", isto é, o próprio dever. Geralmente estas dores desaparecem, não ficam lá nos bloqueando.

Também o encontramos nas grandes separações do mundo, nas separações entre as Igrejas. Por isso fomos ao encontro dos anglicanos, dos reformados, dos luteranos, dos ortodoxos, e nos sentimos mesmo irmãos. Temos muitos deles no nosso Movimento, como você sabe.

Ou nas outras divisões que também existem no mundo, por exemplo, com as outras religiões. Nós nos sentimos um pouco diferentes, porque o budista não é um cristão, o hinduísta não é um cristão, não é um budista, não é um muçulmano.

Nestas divisões também vemos Jesus, a sua figura, ... E, em vez de desanimar e recuar, por amor a Ele vamos em frente e dialogamos também com esses nossos irmãos, procurando sempre aquele substrato de unidade que existe, aquele algo que nos une. Existe sempre alguma coisa que nos une.

Em relação às outras religiões, tem uma frase, que além do mais é do Evangelho: "Não fazer aos outros aquilo que não gostaria que os outros lhe fizessem", que existe em todas as religiões. A partir dessa base já podemos encontrar uma fortíssima unidade, também com os fiéis de outras religiões.

Nós o encontramos, fazendo o vazio em nós para acolher o irmão, nas dores pessoais, nas divisões que existem no mundo tanto no campo religioso como no campo humano e civil. Existem as divisões entre os partidos. Em vez de ficar brigando, sofrendo, procuramos compreender o outro, chegar a um diálogo, criando um clima descontraído. [...] <sup>1</sup>

(aplausos)

*Versão em português de Portugal:*

*Eli: Conhecendo o Movimento, tenho a impressão de que a unidade se realiza quando nos doamos aos outros. Custa perder uma parte de si mesmos para deixar entrar os outros, mas a alegria da doação é a maior que se pode experimentar.*

*Nos teus vídeos, ouço-te falar muitas vezes da dor de Jesus Abandonado. Então pensei: será a mesma que se prova quando procuro esquecer-me de mim para acolher o outro ou será outra coisa? E se é outra coisa, posso vivê-la também eu, que não tenho uma fé religiosa?*

<sup>1</sup> De uma resposta de Chiara Lubich a alguns amigos de convicções não religiosas, em Loppiano (Itália), no dia 07 de maio de 1995.

Chiara: Leonardo, obrigas-me a falar com a linguagem do nosso Movimento, mesmo se depois vamos... procurar mudar de linguagem, pois nem sempre é simpático. É que tu já mencionas Jesus Abandonado, que é um aspeto da nossa espiritualidade.

Dizes que procuras vivê-lo, fazendo - por assim dizer - o vazio dentro para acolher os outros. É a técnica da unidade. É preciso fazer assim para que um esteja no outro; para se entenderem e responder um ao outro. É mesmo assim.

Mas não é a única maneira em que concretizamos o nosso amor a Jesus Abandonado. Nós amamos Jesus Crucificado e Abandonado também porque São Paulo disse muito claramente: "Não conheço que Cristo e este crucificado" (cf. 2 Cor 2, 2). É a síntese de toda a fé cristã.

Nós aplicamo-lo também noutras ocasiões. Por exemplo quando vemos irmãos que O recordam. Jesus, no abandono, sentiu-se abandonado. Portanto, pessoas em qualquer estado de abandono, quando vemos pessoas marginalizadas, órfãs... Jesus sentiu-se praticamente órfão, porque lhe faltou... a sensação de ter um pai. Jesus sentiu-se separado do Pai; por conseguinte, todos aqueles que se sentem... que nós vemos que sofrem por uma separação qualquer: na família, ou entre as culturas, entre os povos, entre as raças... Vamos e procuramos amá-los, porque vemos neles um aspeto de Jesus Abandonado.

Encontramo-Lo nos irmãos.

Encontramo-Lo, ainda, nas nossas dores pessoais, porque às vezes também nós nos sentimos, por exemplo, traídos, dececionados, perseguidos, não amados... Tudo isso são aspetos daquilo que Ele sofreu (...). Ele, que é do Céu, sofreu tudo isso na terra.

Então procuramos abraçar também estas dores e, para não ficarmos na dor, dizemos a Jesus, a quem demos a nossa vida: "Olha, agora vives de certa forma em mim. Estou contente porque te dei a minha vida". Procuramos dar-lhe esta dor e, depois, pomo-nos a amar os outros, a fazer aquilo a que chamamos "a vontade de Deus", isto é, os nossos deveres. E geralmente estas dores desaparecem; deixam de nos paralisar.

Assim, também O encontramos nas grandes separações existentes no mundo, como por exemplo nas separações entre as Igrejas. Por isso é que fomos ao encontro dos anglicanos, dos reformados, dos luteranos, dos ortodoxos... E sentimo-nos mesmo irmãos. Muitos deles fazem parte do nosso Movimento, como sabes.

Ou nas outras divisões, que ainda existem no mundo. Por exemplo em relação às outras religiões. Sentimos que somos diferentes, pois ser budista ou cristão, hinduísta ou muçulmano não é a mesma coisa. Nestas divisões também O vemos a Ele. Vemos a Sua imagem. Então nós, em vez de desanimar e recuar, por amor a Ele vamos em frente e procuramos dialogar também com esses nossos irmãos, procurando sempre aquele substrato de unidade que existe; aqueles pontos que nos unem. Há sempre alguma coisa em comum.

Por exemplo, em relação às outras religiões, há uma frase (que também está no Evangelho): "Não faças aos outros o que não gostarias que fizessem a ti" (cf. Mt 7, 12), que é comum a todas as religiões. Portanto, partindo desta base, já podemos encontrar uma grande unidade também com os fiéis de outras religiões.

Então, nós encontramo-Lo - como tu dizes - quando fazemos o vazio para acolher o irmão, nas dores pessoais, nas divisões existentes no mundo, tanto no campo religioso como no campo humano, civil: existem divisões entre os partidos... Em vez de estar ali a morder-se... e a sofrer, nós procuramos compreender os outros e entabular um diálogo sereno.

Entendeste, Leonardo?

## **9. CONCLUSÃO**

Emmaus: Belíssimo. Agradeçamos Chiara por este pensamento e por tudo aquilo que nos mostrou antes, porque tudo o que vimos é fruto do amor de Chiara e de todos os que a seguiram por Jesus Abandonado, ou seja, fruto do amor ao sofrimento que nos faz ver, nos faz ser uma coisa só com o sofrimento do outro, procurando, e muitas vezes encontrando juntos, o modo para aliviá-lo.

Tenho a impressão de que concluímos este Collegamento com uma nova força neste sentido: procurá-lo no sofrimento de todos, olhá-lo, assumir como próprio e dizer: “O que posso fazer? O que posso fazer? E fazer”.

Felicidades a todos e até breve!

Rafael: Obrigado, Emmaus!

Mariana: Obrigado, Emmaus! (aplausos)

Rafael: Chegamos ao final. Obrigado a todos por terem participado deste Collegamento. O próximo será no dia 22 de abril, às 10h (hora italiana). Até breve a todos!

Mariana: Ciao, adios!

Rafael: Adios a todos! (aplausos)